

Uma reflexão sobre ações Ideológica.

Pe Lima Soc. transcrições da
exposições oral feita em Belo Horizonte.

—

É difícil, aos militantes já engajados, parar p/a refletir, pois os elementos de ações são muito abundantes, obscurecendo os da reflexão, têm a tentação de repetir Lenin (in "O Estado e a Revolução), quando afirma q. "é muito mais fácil fazer a revolução do q. pensá-la". Mas Lenin pensou muito antes de fazê-la e pensou enquanto a estava fazendo; já idoso, leu mesmo a "Lógica" de Hegel, e escreveu notas a respeito dela, Mas vamos pedir isto do grupo mas, pelo menos, q. tenham um exemplo de que não há possibilidade de tendências, p/a q. o grupo não seja marcado por uma dualidade de tendências, uma mais ativa e outra mais reflexiva. Práxis e ideologia devem ser, para nós, momentos conjugados de dois aspectos.

Este tema é dividido em duas partes: uma predominantemente teórica, outra mais concreta de engajamento, uma manifestação dos postulados teóricos numa conjuntura de realidade brasileira, de ações concretas a ser feitas.

Na primeira parte, sempre salientar três idéias principais que não comandar as exposições. Estas idéias não têm, em si mesmas, nenhuma especificidade própria, pois o grupo não tem caráter profissional.

Estas três idéias são:

1) A idéia de consciência histórica.

2) a idéia da comunicação das consciências, como a característica fundamental da história.

3) - A dialética fundada nessa comunicação das consciências.

A Idéia da Consciência Histórica.

Quando falamos de C.H., assumimos dois elementos, q. podemos conjugar sem incidir em nenhum idealismo ou numa concepção determinista-materialista da história: estes elementos são a consciência e a realidade histórica.

O primeiro é retirado de uma reflexão sobre a história humana, na qual o elemento consciência seja o elemento determinante, o elemento mesmo decisivo, e, por outro lado uma visão determinista-materialista, na qual o conteúdo material da consciência é o mundo q. a ação humana transforma.

A noção de consciência histórica procura evitar estas duas perspectivas, idealista e determinista-materialista, procurando mostrar q. a história humana só é uma realidade, q. pode ser por nós entendida e dialetizada, quando nela o fator consciência (portanto, a consciência dos homens) tem diante de si uma tarefa concreta, primeiro a refletir, depois a executar.

Essa tarefa concreta é dada pelas necessidades especificamente humanas do hom. numa determinada época da história. Uma série de tarefas q. o hom. deve executar a partir destas necessidades, q. são básicas p/a sua realização naquela determinada época. A história só é inteligível p/a nós no momento em que aceitamos q. a consciência do homem tem capacidade e poder p/a interpretar estas necessidades humanas vitais numa determinada época, e na reflexão sobre estas necessidades, encontrar a direção de sua ação de modificação do curso da história.

A manifestação ~~de~~ desse tipo de consciência é o q. chamamos consciência histórica, q. é, em suma, de um lado reflexão sobre as necessida-

das humanas vitais nunca determinada época. De outro, já uma perspectiva de transformação da realidade, no sentido de satisfazer aquelas exigências.

A noção de consciências histórica implica, antes de tudo, nas possibilidades q. tenhamos de definir as dimensões da consciência, e depois definir (ou ao menos sentir) as necessidades humanas básicas numa determinada época.

A primeira possibilidade de definir as dimensões da consciência significaria q. o q. torna a presença do homem no mundo uma presença de transformações ativa - o q. justamente faz com q. haja história - é justamente o fato destas dimensões ser, de um certo modo, transcendente ao mundo, q. seja capaz de compreender o mundo como uma totalidade q. está diante do homem e q. o homem tem por tarefa transformar. Se limitamos a consciência apenas uma dimensão de prolongamento linear, contínuo com o mundo no qual o homem se encontra, só por um postulado arbitrário poderíamos dizer q. o hom. tem capacidade p/a transformar o mundo e, como consequência, a compreensão da história partiria, p/a nós de um postulado arbitrário. Mas, no momento q. admitimos q. a consciência do hom. transcende o mundo, sendo sendo capaz de ter uma divisão de totalidade do mundo, capaz de colocar de ter uma divisão de totalidade do mundo, capaz de colocar diante de si o mundo como objeto de compreensão e portanto de ação, poderemos então entender o ponto de partida da história, como um movimento dialético de compreensão do mundo pela consciência e transformações do mundo por uma ação q. nasce justamente e aquela compreensão.

Aqui existe um problema anterior q. não será colocado, no momento, para evitar q. nosa discussão entre por ~~seus~~ caminhos filosóficos,

mais complexos: a gênese da consciência no mundo. Entretanto, no momento q. admitimos a existência da consciência no mundo, p/a podermos definir a consciência histórica, temos q. admitir a transcendência dessa consciência sobre o mundo. Esta transcendência, filosoficamente, deveria ser explicada pela gênese da consciência, problema q., pepito, estamos omitindo.

Já vemos, diga-se nesse primeiro momento, podemos adotar uma posição, senão polêmica, pelo menos crítica, com relação a toda concepção q. faz da consciência um reflexo da realidade: é a teoria da consciência reflexa, esboçada primeiro por Engels, empregada por razões mais táticas que teóricas, por Lenine, dogmatizada por Stalin, moeda corrente no marxismo ortodoxo.

A teoria da consciência reflexa diz q. nas relações entre a consciência e a realidade, sobre tudo a realidade histórica, a consciência refletiria uma situação, antes de tentar a transformação daquela situação.

Nossa posição inicial já contém uma atitude crítica com relação a consciência reflexa, porque não podemos admitir q. haja uma realidade q. seja simplesmente refletida na consciência refletiria uma situação, antes de tentar a transformação daquela situação.

Nossa posição inicial já contém uma atitude crítica com relação à consciência reflexa, p.q. não podemos admitir q. haja uma realidade q. seja simplesmente refletida na consciência q. já não continha em si um elemento da própria consciência. Não podemos entender que o objeto colocado diante da consciência seja inicialmente inteiramente bruto, neutro, q. já não contenha em si um elemento q. veio da própria

consciência, uma perspectiva da consciência, um ponto de vista que vem da consciência. Não podemos, diga-se recebemos nada em nossa consciência q., de alguma maneira, não tenha implicado antes numa tomada de posição diante do mundo.

A teoria da consciência reflexa, tal como é vulgarizada entre os marxistas, ortodoxos tem mais ou menos uma função: a de evitar, a qualquer preço, um desvio idealista na ideologia marxista. O marxista ortodoxo raciocina da seguinte maneira: se a realidade se reflete simplesmente na consciência então existe, entre mundo e consciência, uma dualidade de certo modo irredutível. Nesta perspectiva, ~~justamente~~ justificar o materialismo histórico, o materialismo dialético, torna-se bem difícil. A teoria da consciência reflexa é quase uma espécie de muro para evitar qualquer possibilidade de infiltração idealista na ideologia marxista.

Em novo ponto de partida - a noção de consciência histórica - podemos já adotar uma atitude crítica com relação a esta teoria de consciência reflexa sem ~~temer~~ temer de um desvio idealista, pq. surge justamente agora o segundo momento, q. não é a dimensão mundo, tão importante quanto a dimensão da consciência, p/a a definição da consciência histórica.

São importante, ideologicamente, quanto o primeiro elemento (a C.H.) embora dialeticamente subordinado a ele, é o momento do mundo, ou seja, o momento do conteúdo da realidade mesmo, do conteúdo material do mundo.

Não aceitamos, de maneira alguma, simplesmente, q. a realidade do mundo seja, numa perspectiva hegeliana, uma exteriorização

da consciência, ou uma espécie de ser aparente q. a consciência, com o qual a consciência deve lutar p/a sua compreensão e p/a sua formação. Este elemento de mundo é q. vai entrar o aspecto das necessidades vitais humanas, de cada época, q. deverão definir a realidade, a autenticidade da consciência histórica daquela época.

Este aspecto de mundo, de elemento da realidade, existe objetivamente, e solicita, de alguma maneira, a consciência. Este mundo de que falamos quando definimos a consciência histórica é um mundo humano, é um mundo que não existe para o animal, o animal percebe um mundo animal, que não é o mundo q. estamos considerando em termos de consciência histórica. Para nós, o mundo humano é aquela realidade, q. de alguma maneira tem significação p/a o hom., q. o hom. pode compreender e portanto transformar. É o qual o hom. pode inserir e desenvolver sua existência, segundo as exigências mais profundas e fundamentais de sua própria natureza, de sua própria essência de hom..

Aqui também o marxismo ortodoxo levanta as objeções: se o mundo é p/a hom., incidimos numa alienação idealista. Isto significaria fundamentalmente uma espécie de arbitrariedade histórica, no sentido de que o homem entende o mundo, q. um homem particular ou uma classe entende o mundo. Como percebe o marxismo ortodoxo, existe um mundo q. evolui segundo as suas leis imutáveis e q. impõe a validade destas leis e isto mesmo é que numa determinada época, supontamos, o mundo da produção, no sentido q. ele não interfere ao capitalista, ele é um mundo p/a o homem pq. naquele momento ele representa uma exigência física de humanização.

A esta objeção marxista ortodoxa respon-

deríamos: quando falamos q. o mundo se opõe à consciência e é um mundo p/a o homem, o dizemos num sentido de uma exigência de universalidade. O mundo o é para o homem no sentido de q., num determinado momento da história aquela significação não é dada nem pelas consciências singulares, individuais, nem por uma exigência ideológica de classes ou de grupos ou de uma filosofia qualquer, mas é uma exigência de universalidade, e, neste sentido, é um mundo para o homem enquanto é o mundo p/a o hom. universal, um mundo q. permite - como veremos mais adiante - a comunicação das consciências.

A significação do mundo para o homem, numa determinada época, será válida no sentido em q. ela permita que os homens se comuniquem entre si, que haja, portanto, um elemento de universalização das consciências e não um elemento de divisão histórica, de impasse histórico, pela separação das consciências.

A noção de consciência histórica, portanto, apresenta o hom. como ser consciente q. tem uma dimensão específica nesta sua consciência, que é compreensão do mundo como um mundo para o hom., um mundo no qual se desenvolva a hist. humana. Esta compreensão traz em si dois elementos principais: Primeiro: a consciência p/a compreender tem q. transcender o mundo. Segundo: o mundo p/a ser compreendido, tem q. ser um mundo p/a o hom., de alguma maneira ordenada para o homem, para a compreensão e para a ação humana.

A. Teoria de Comunicação das Consciências:

Como vamos estabelecer uma dialética histórica? Dialética significaria compreender uma

realidade de tal forma q. os elementos q. parecem se opor, num primeiro momento dentro daquela realidade, encontrem uma conciliação, uma síntese, na qual êles não são excluídos ou destruídos, mas, de um certo modo, recuperados numa significação, numa perspectiva nova que é justamente a perspectiva sintética. Que temos mais gerais diríamos então q. é possível a compreensão dialética de uma realidade.

Para nós, se trata de definir como podemos compreender dialeticamente a história e situar o ~~problema~~ pq. da importância desta compreensão.

É a compreensão dialética nos permite analisar, num determinado momento da história, quais são os elementos q. entram em conflito, e q. portanto estão dando dinamismo à hist., e compreender também como há uma possibilidade de síntese, de conciliação destes elementos, o que é justamente a saída da história p/a um novo avanço, p/a uma ~~nova~~ direção nova, inclusive p/a a superação de ~~se~~ um impasse. Por isto é importante compreender a história dialética e não contentar-se platiamente.

Sabemos q. devemos a Hegel a primeira idéia de compreensão dialética da história. Na verdade, a dialética hegeliana não é mais q. uma reflexão sobre a história. Hegel foi o primeiro filósofo q. fez do problema da história o ponto central da filosofia e ao qual os outros, de alguma maneira, se subordinaram. Devemos a Hegel ter nos ensinado que ^{nao} há possibilidade de compreensão da história q. não seja dialética. Mas, a partir mesmo da noção de E.H., a nossa compreensão dialética da história não seria uma compreensão de tipo hegeliano, pq. p/a tal

era necessário q. a cons. fosse não só transcendente hist., mas, de alguma maneira criadora da hist. Isto já excluímos, quando admitimos o mundo como um dado q. se opõe à consciência, q. é irreduzível, embora ordenado a ela.

A Dialética:

Vamos tentar estabelecer um esquema de dialética histórica, cuja noção central é a comunicação das consciências.

* Só começa a existir história quando um hom. se coloca diante de outro e lhe transmite uma significação q. ele dá ao mundo no qual os dois homens, entre estas duas consciências, q. é uma relação a outro, entrou em comunicação com outra consciência, de maneira que a significação do mundo adquirida pelo primeiro homem passa a ser também apreendida pelo segundo, mesmo q. seja em termos de imposição, de dominação.

Exemplifiquemos como Hegel: ele apresenta o início da história através daquilo q. chamou "a dialética do senhor e do escravo" - um esquema dialético fundamental p/a compreendermos a hist. São duas consciências q. entram em luta p/a dar ao mundo uma significação de serviço a uma delas. O êxito da luta vai conduzir à servidão de uma das consciências, submetida à outra. Esta luta, sendo uma luta de morte, não termina com a morte, ou a história nunca começaria. Ela começa justamente p/q. uma das consciências aceita a dominação da outra e torna-se, para a outra, instrumento de utilização. do mundo, torna-se escravo.

É este o exemplo da dialética da dominação, em q. o mundo serve de intermediário para as duas consciências, de mediador. Faça

uma hipótese de q. não houvesse mundo ou de q. o mundo na tivesse uma realidade própria. Neste caso, não haveria dialética de comunicações das consciências. Não haveria, portanto, história, pq. não haveria instrumentos p/a esta comunicação. Não haveria mais e as duas consciências seriam inteiramente fechadas em si mesmas, sem abertura p/a uma realidade fora delas. A consciência, por definição, é interiorização, mais, ao mesmo tempo é abertura para o mundo.

Vemos, portanto, q. a dialética da comunicação das consciências tem três termos: duas cons. q. se opõem a um termo q. medeia entre estas duas consciências opostas; o mundo, que elas devem compreender e transformar e inclusive utilizar p/a sua realização humana.

Como compreendemos a marcha da história, como uma dialética da comunicação das consciências? A história, realisticamente, deve ser compreendida como algo trágico e áspero para o homem. Não há possibilidades de se compreender a hist. como uma espécie de romança em que as situações intrincadas encontram sempre um desfecho feliz. A hist. nós a compreendemos sempre como uma luta e essa compreensão vem do fato de a cons. humana ser aberta para o mundo e este tornar-se, portanto, o lugar da realização destas consciências, sendo as consciências humanas plurais, múltiplas.

O problema filosófico da pluralidade das consciências não será abordado aqui. Mas o fato das consciências serem plurais e se encontrarem no mundo, traz inevitavelmente p/a a dialética da história um caráter de luta e

de alguma maneira, um caráter de tragicidade, e a possibilidade fundamental de uma alienação das consciências, que é justamente a possibilidade de dominação de uma consciência sobre outra.

A história marcha através desse tipo de dialética, daí o fato de se apresentar, irredutivelmente, como o desenrolar de uma luta das consciências dos homens p/a se reconhecerem, em primeiro lugar, porque se não houvesse reconhecimento dos homens entre si também haveria história. Na dialética hegeliana do senhor e do escravo, por exemplo, se não se teria a relação de escravidão, de servidão.

Em primeiro lugar, portanto, a dialética histórica como dialética de comunicações de consciências é a dialética de um esforço, de uma luta dos homens p/a se reconhecerem uns aos outros, p/a se identificarem como homens num mundo que eles devem conhecer e transformar. Ao mesmo tempo, esta dialética do reconhecimento é uma dialética de luta, pq. a comunicação das consciências se faz através de um mundo que o homem tem interesse em compreender, transformar e utilizar p/a a sua realização humana.

Qual o sentido geral da marcha da história através dessa dialética da comunicações das consciências? Aqui entre um elemento importante, q. p/a os cristãos encontra fundamentação explícita na Revelação e p/a os não-cristãos pode encontrar justificações no seu mesmo da própria dialética histórica, isto é, que a história humana realmente seria uma espécie de absurdo total se não se admitisse uma comunicação de consciências que marcham, pouco a pouco, p/a um reconhecimento total, não em termos de luta, mas de conciliação.

1 Realmente, deveríamos dar nossa denominação face à História e face a tarefa humana de cada um de nós, se não admitirmos a possibilidade de que a dialética da comunicação das consciências supere uma dialética de luta para uma de conciliação. A compreensão dialética da História nos dá ênes dois elementos q. são duas consciências q. se degladiam, e nos dá também um elemento intermediário, o mundo q. elas devem transformar. Existe uma síntese possível p/a esta dialética, q. é a síntese que se vem realizando na História, inclusive q. vem impulsionando a História p/a a frente. É a síntese em termos de dominação.

A História, até hoje, foi sempre isto: um hom. q. dominou outro, ou grupos humanos q. dominaram outros grupos, em termos os mais variados possíveis. Estes termos são acidentais em relação à essência do movimento (por ex., em termos de nação que domina e de nação q. é dominada - em termos de meu vizinho q. de alguma maneira, ainda q. não me conhece, tem p/a comigo uma relação de dominação, por alguma maneira, por uma circunstância qualquer, por uma situação social, pelo tipo de sua presença na sociedade, etc. Ou ele me domina ou eu o estou dominando.

Este tipo de síntese da dialética histórica, q. é a relação de dominação, é qualquer coisa q. não se põe em dúvida, porque é a experiência humana da história.

Acho importante q., p/a formular uma base ideológica para nossa ação, admitamos a realidade deste tipo de síntese, mas não a consideremos uma síntese final. Pois a relação de dominação transformaria a história num absurdo ou entã numa

numa marcha cada vez mais acelerada p/a um impasse definitivo em q. não haveria mais possibilidade nos reconhecermos, de os homens se reconhecerem entre si, impasse que poderia terminar, por exemplo, numa catástrofe, numa explosão atômica ou algo similar.

Seríamos, portanto, de admitir que a síntese em termos de dominações não é a síntese final da história, não é sua significação última, mas q. através dela, pouco a pouco vá se manifestando um sentido mais profundo para a história, que é justamente a síntese em termos de reconhecimento, de reconciliação, em termos de aceitação dos homens; que os homens se aceitem entre si, como homens, através de suas exigências mais profundas como pessoas.

Dizia que temos na Relação presta um estado explícito q. nos permite uma opção, no sentido de aceitarmos a história, não como um impasse em termos de dominações, mas como uma marcha vitoriosa em termos de reconciliação. Este dado é o valor absoluto que o hom. recebe na perspectiva cristã - a dimensão radicalmente antropológica da concepção histórica do cristianismo. A explicação dada até agora tem uma transposição teológica e mesmo Hegel e Marx (os q. refletiram e vulgarizaram uma concepção dialética) não foram, provavelmente, imunes, em sua reflexão e elaboração, à influência do cristianismo.

Esta transposição teológica existe no sentido de que para o cristianismo, para a visão bíblico-cristã do mundo, a dialética da história, em termos de luta e de dominação e o que chamamos, em última análise, de pecado. A visão cristã nos diz q. a história humana em termos de dominação ou teologicamente, em termos de pecado

nas é a compreensão profunda, a inteligibilidade de radical: isto só acontecerá numa síntese em termos de reconciliação, numa valorização absoluta do bom, numa transposição do homem p/a um plano de valor absoluto que é o próprio plano divino. Em outras palavras, para o cristianismo, a compreensão definitiva da história é dada pelo dogma da Encarnação, pela presença de Cristo que veio dar testemunho da reconciliação total, definitiva dos homens ou melhor, de uma compreensão da história, q. não seja aquela em termos de luta e de dominações, mas q. seja de compreensão ou, como dizemos em termos teológicos, de caridade e de amor.

A concepção de consciência histórica se prolonga numa concepção dialética da história como comunização das consciências. Assim podemos testar a validade da consciência hist. de uma época, descobrindo em sua formulação o elemento predominante, a significação última que ela dá à história, ou em termos de dominação, ou em termos de conciliação. Uma C.H. q. chamaríamos de autêntica numa determinada época, seria aquela p/a a qual a dialética numa determinada época, seria aquela p/a a qual a dialética histórica não se resolve, em última análise, como dominações de um homem sobre o outro, mas como reconhecimento mútuo do homem.

Para o progresso da história, é necessário que os cristãos se situem numa perspectiva de pura reconciliação, numa espécie de esperança escatológica.

Em suma: a compreensão do mundo não pode ser dada pelo indivíduo separado e isolado,

mas pelo indivíduo enquanto ele se comunica com os outros. Estas comunicações têm dois aspectos contrastantes: a luta e reconciliação. A marcha da história e o sentido de nosso próprio engajamento é aceitar o fato da luta e a explicação deste fato numa primazia final dada à reconciliação. Este é o momento estrutural último da história e precisamos não perdê-lo de vista, ou daríamos margem a concepções parciais ou pectóricas da história. — por exemplo, a explicação da história numa linha de aparência e não de essência, simplesmente através dos fatores dominantes de uma época, estes fatores são comandados por um movimento fundamental, cuja descoberta é importante. Concretizando mais este exemplo: um dos fatores fundamentais q. faz marchar a história em nossa época é evidentemente a transposição do problema da dominação do plano das classes dentro de uma nação, para o plano das nações dominantes e dominadas, desenvolvidas e subdesenvolvidas.

Perderíamos de vista uma perspectiva fundamental e decisiva para nós se, à maneira da tese exposta no livro de Vieira Pinto "Consciência e Realidade Nacional" 4 obliterássemos e eliminássemos a dialética estrutural da história em benefício do fator dominante de uma época, q. deve ser explicado por aquela dialética fundamental, e não assumir funções de explicações definitiva e total. Vieira Pinto coloca o ser na nação como plano a inteligibilidade última da consciência do homem e portanto não tendo possibilidades de explicar a comunicações das consciências senão dentro do âmbito nacional. Por conseguinte, na perspectiva da "filosofia do nacionalismo", a história seria pulverizada numa

miríade de consciências nacionais, somente entre as quais seria possível a reconciliação definitiva. Isto seria, talvez, uma extrema arbitrariedade, à qual leva a lógica de uma posição como a de Vieira Pinto e alguns teóricos de ISEB, justamente pelo fato de ter sido perdida de vista a articulação fundamental da história, que é em termos de comunicações de consciências e em termos de universalidade e não em termos dos fatores de uma época, cada época tem suas contradições fundamentais. Hoje temos a relação imperialista, a relação da alienação capitalista e a dominação feminista. São fatores da C.H. de uma época, mas não vão fornecer a inteligibilidade última da história. Estes serão interpretados através de uma consciência histórica que se articula no esquema fundamental de oposição das consciências e sua reconciliação. O fato de se conseguir, suponhamos, a superação da alienação capitalista (q. não acontecerá logo) não indica uma abolição final dada à história e sua entrada numa fase já esatológica. Enquanto a Hist. e sua entrada numa fase já esatológica. Enquanto a Hist. marcha há sempre a relação de dominação e conciliação, elas estão, por assim dizer, inexplicavelmente mescladas. O problema do avanço da história é o problema da superação permanente e em círculo cada vez mais vasto, portanto, de universalidade cada vez maior da reconciliação sobre a dominação. Isto nos mostra a história como uma espécie de movimento primitivo, movimento que vai tendendo para um momento de reconciliação definitiva. Este momento, para o instante, está situado dentro de uma linha de perspectiva histórica.

a esperança escatológica da manifestação definitiva de Deus aos homens. Não sei como o formularíamos numa perspectiva não-cristã. Poder-se-ia talvez, aceitar esta tendência assintótica, que vai avançando indefinidamente, e na qual as relações de conciliação se universalizam cada vez mais, estando cada vez mais superada a relações de dominação.

02/4/65 - copiada

